

PELA

COMISSÃO
DAS COMISSÕES
DE FACULDADE

UNIVERSIDADE

Nº 1

MARÇO 74

EDITORIAL

Porquê as comissões de Faculdade?

Porque em Coimbra, desde o encerramento da A.A.C., raras são as estruturas e das comissões de curso em funcionamento e há que intensificar os esforços pela sua divulgação e criação.

Em Coimbra, os estudantes, devido fundamentalmente à proibição do direito de reunião e informação, têm descurado a luta pedagógica e as iniciativas a outros níveis nas Faculdades.

Caberá às Comissões de Faculdade fazer avançar as iniciativas neste sector. Por que para romper a censura oficial há que reforçar as iniciativas de divulgação a todos os níveis de informação nomeadamente o estudantil.

As Comissões de Faculdade poderão também ter uma importante função neste sector.

As Comissões de Faculdade são estruturas democráticas, abertas, unitárias. Reunirão todas as pessoas interessadas em trabalhar, todos os que ultrapassem o pessimismo do "não vale a pena" ou a ingenuidade de que as coisas hão-de aparecer feitas por si sós.

E quantos problemas hoje assaltam o estudante de Coimbra!

-- Um ensino que ainda que pretensamente reformado continua anacrónico na sua sujeição à perpetuação e à divulgação duma ideologia profundamente anti-populares e anti-democráticas, ao serviço do poder dos monopólios bem escudados na proteção Marcelista quanto à defesa da "sua" ordem e na adequação Veiga Simoniana quanto à satisfação das "suas" necessidades de modernização.

-- Uma intensificação de ritmos de trabalho (não há faculdades que ainda estão em exames desde Janeiro? E já se adivinha nova época de frequências nos últimos dias de Março e depois em Abril e Maio as frequências do segundo semestre e logo de seguida os exames...). Só que ao estudante é reservado o papel (que ele pode não estar interessado em desempenhar) de mero captador e transmissor de toda uma maneira de ver e de pensar que se insinua imperceptível e camuflada entre as matérias na Faculdade, se enraíza em casa no contacto com as sebatas, vai maturando até ao exame e se reproduz já como coisa nossa diante do júri decisório...

-- Uma larga cópia de medidas selectivas (numeros clausus, incorporação militar

dependente do "bom aproveitamento escolar", maior número de provas de avaliação de conhecimentos, etc.) que apertam os gargalos da selecção à medida das necessidades do desenvolvimento da economia (leia-se obviamente monopólios).

-- Uma feroz repressão anti-estudantil consoante a força organizativa e as movimentações dos estudantes (que vai desde o encerramento de Associações e a prisão de activistas à introdução de vigilantes nas Faculdades, suspensões, impedimento de assembleias estudantis, limitações no direito de informação, etc.) destinada a moldar um estudante unidimensional, padronizado, decepado na sua capacidade crítica.

Vão ser as Comissões de Faculdade, como meros agrupamentos de colaboradores, mas anti-sectários, contrários a todo o divisionismo, e plenamente acessíveis a todos os estudantes que aceitem os princípios básicos do Movimento Associativo, as organizações que provisoriamente (até que as comissões de curso formadas, articuladas em representação de faculdade, e em pirâmide ligadas a uma A.A.C. aberta e em funcionamento) encabeçarão e coordenarão a actuação dos estudantes nas suas faculdades.

Resumindo, desenvolveremos todos os esforços no sentido:

- 1- da eleição de estruturas de curso e de faculdade;
- 2- da liberdade de reunião e informação;
- 3- da Reabertura da A.A.C., apoiando a C.P.R.A.A.C. .

Porquê este Boletim?

Porque há que romper o silêncio, há que divulgar para apoiar, há que trazer para nós a experiência de outras Académias, de outras lutas, para sentirmos que não estamos isolados, que somos só uma fracção da grande mobilização dos estudantes portugueses contra um Ensino que não é o do seu povo, contra uma Cultura que não é a segregada pelas grandes massas, contra um sistema em que os interesses dos grandes grupos económicos e financeiros são os dominantes.

O nome de "Pela Unidade" para além das tradições vincadas ao M.A. portuguesa que consigo traz, é o que melhor simboliza a intenção de não dividir, não suscitar artificiosas cisões, não procurar subtile distinções. Quando os objectivos são unitários e são unificáveis, há que conjugar e canalizar num esforço comum todas as iniciativas e esforços.

NOTICIÁRIO

LISBOA

Medicina-- Depois da invasão e parcial destruição das instalações da C.P.A. pela policia, foi decretada uma greve que durou quinze dias. O muro que tinha sido construído a tapar a entrada da Sala de Alunos foi derrubado e todas as instalações da C.P.A. foram repostas em funcionamento pelos alunos da faculdade. Já se supriram todas as faltas de material técnico originadas pela invasão (já se adquiriram um duplicador e dois off-sett, segundo as ultimas informações).

A posição das autoridades da faculdade foi favorável aos estudantes, tendo o Conselho Escolar apoiado o texto da carta endereçada ao Ministro da Educação pelo Director da Faculdade, em que este pedia demissão do seu cargo.

Entretanto, o primeiro ano está a sofrer uma "experiência curiosa" : foi dividido em dois grupos, um dos quais continua com o plano de estudos clássico e a participar normalmente na vida académica e associativa; o outro está totalmente isolado do primeiro e dos restantes alunos da faculdade, sujeito aos "novos" programas da Reforma V.S. (com a consequente intensificação dos ritmos de trabalho) e impedido de desenvolver qualquer actividade associativa.

A data da recolha destas informações, na C.P.A. decorria o período eleitoral.

Letras -- Verificaram-se dois dias de greve, um a treze de Janeiro de solidariedade com o protesto contra as incorporações militares em Direito e outro no dia quatro de Fevereiro.

Dentro da Faculdade a repressão é durissima, impedindo qualquer tipo de reunião ou de distribuição de informação associativa. No entanto, mesmo nestas condições, têm-se realizado meetings-relampago informativos, no bar.

O numero total de suspensões em Letras é de quinze, três das quais com processo disciplinar.

Técnico -- As entradas na escola continuam a ser rigorosamente controladas e a presença da policia às portas tornou-se uma rotina, um elemento "decorativo" permanente.

Económicos -- Um boicote aos testes, cuja média para dispensa de oral tinha subido de dez para doze valores, foi decretado numa R.C.A. . Face a esta atitude as autoridades recuaram, a média anterior foi restabelecida e o boicote terminou.

Direito -- Esta faculdade sofre um tipo de repressão especialmente intenso. Com trinta gorilas a deambular pelo edificio e uma quase delegação da FIDE-DGS

no bar, onde vários indivíduos à peisona dispõem de ficheiros e de transmissões-receptores através dos quais comunicam com os gorilas, controlando-lhes as acções, tornou-se impossível quer reunir, quer distribuir informação.

Há ao todo onze suspensões, uma das quais viu o seu prazo prorrogado por trinta dias.

Formação -- Depois do assalto às instalações da Associação, houve greve às aulas durante alguns dias.

I.S.P.A. -- Há um controle das entradas semelhante ao do Técnico (por cartões).

Veterinária -- houve um dia de greve como protesto contra incorporações compulsivas.

PORTO

Medicina -- Houve uma série de greves às aulas que culminaram com a invasão da faculdade pela policia que ainda aí permanece. O direito de reunião encontra-se seriamente coarctado, embora se possa distribuir informação associativa com relativa facilidade. Há quinze alunos suspensos (mas que têm continuado a entrar no hospital) e quatro presos.

Realizaram-se eleições para a direcção da Associação ganhas pela lista unitária ("por uma Associação de todos os estudantes").

Engenharia -- A faculdade foi fechada aos sábados por ordem do Director, cortando assim as possibilidades de levar a cabo realizações culturais promovidas pelos estudantes.

Há quatro suspensões, duas das quais ainda respeitantes à luta desenvolvida contra o Festival de Coros Universitários. Um abaixo assinado de protesto contra as suspensões corre entre os alunos da Faculdade.

Belas-Artes -- Há quinze suspensões cuja causa foi o arrebamento de uma sala onde se deveria realizar a projecção de um filme, proibida pelo Director.

Na Arquitectura as aulas ainda não começaram em resultado dos protestos dos alunos contra a imposição de uma reforma de programas datada de 1957, que as autoridades tentam levar a cabo.

Licéus -- No Colégio Helen Kay houve greve de protesto contra uma suspensão e um abaixo-assinado pelo mesmo motivo.

Economia -- Na cadeira de Propedéutica Comercial I houve uma greve de protesto contra notas baixas.

Entretanto, e dado que não existe Associação de Económicas, está em vista a formação de uma C.P.A.

É proibido o exercício do direito de reunião dentro da faculdade.

Ciências -- Repressão policial duríssima e há ocupações frequentes da Faculdade pela policia.

Realizaram-se eleições para a Direcção, ganhas pela lista unitária.

Letras -- O Director da Faculdade proibiu a realização de eleições. Mesmo assim, a campanha eleitoral decorreu quase normalmente, com distribuição das listas concorrentes. No entanto, no dia das eleições e depois de uma luta intensa para salvaguardar as urnas, estas foram finalmente apreendidas pela P.S.P.; Por isso mesmo as eleições ficaram suspensas.

Houve quinze suspensões que originaram uma greve de protesto cumprida quase a cem por cento.

Dados numéricos importantes:

Número total de suspensões, por faculdade em Lisboa:	
Direito -- 11 (onze);	Letras -- 15 (quinze);
Medicina -- 3 (três);	Técnico -- 70 + 30 (Setenta mais trinta);
I.S.P.A. -- 6 (seis);	Licéus -- 3 (três);

TOTAL - 198